



COMO UM CRISTAL BONITO

ARTE, HISTÓRIA, CACHOEIRAS, ESPIRITUALIDADE, DISCOS-VOADORES E A PRIMEIRA
CIDADE SUSTENTÁVEL DO BRASIL: BEM-VINDO À CHAPADA DOS VEADEIROS



Kristen: "Ninguém sabia o que ia acontecer. Eu tinha 17 anos, média de idade de todos nós do elenco"

Kristen: "Ninguém sabia o que ia acontecer. Eu tinha 17 anos, média de idade de todos nós do elenco"



As trilhas e cachoeiras da Chapada dos Veadeiros que me desculpem, mas começo este texto falando de Moacir Soares Faria, o Nô. Quando o vi pela primeira vez, ele andava de bicicleta, de chinelos e camisa do Flamengo vestida ao contrário. Parecia cantar. Olhou no meu olho e seguiu pedalando pelas ruas de terra da pequena vila de São Jorge, única entrada para o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Entrou em uma construção de alvenaria forrada de pinturas coloridas. Eu o segui. Ali era sua casa, seu ateliê, seu mundo. Nô é artista. Não escuta bem, fala por meio de murmúrios e tem dores fortes na coluna. Seus desenhos? Deus e o diabo. Santas e demônios. Pessoas e animais. Alucinações e um bocadinho de pornografia. Uma arte tão bruta quanto sensível. Uma miscelânea esquizofrênica de religião, folclore, natureza, erotismo e o que der na telha. Mas deixemos pintar e coloquemos o pé na trilha deste pedaço mágico do Brasil.

Antes, algumas palavras sobre São Jorge, vista inevitável não apenas por ser a antessala do parque nacional e a sede da galeria de Nô, mas por ser a morada de garimpeiros com a história da vila na ponta da língua. Gente que veio pra cá nos anos 1950 em busca de cristal de quartzo. Gente vinda da Bahia e de Minas Gerais. Gente que bamburrou como Corinto Miranda, que, certa vez, me contou ter achado



"como garrafas na prateleira" uma infinidade de pedras de cristal – cinco toneladas no total. Com a grana, comprou uma fazenda com 200 cabeças de gado, um apartamento na então recém-fundada Brasília e um terreno em São Jorge. "E ainda paguei curso superior para os meus sete filhos".

Corinto já não está mais entre nós – foi-se três anos atrás. Mas histórias como a dele (talvez nem tão bem-sucedidas assim) são contadas nas varandas, esquinas e bares de São Jorge, hoje com apenas 600 habitantes, ante os mais de três mil dos tempos da mineração. Conta-se também que, por duas décadas, nos anos 1960 e 1970, após a proibição do garimpo com a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, em 1961, pelo então presidente Juscelino Kubitschek, garimpeiros e fiscais do governo

Kristen: "Ninguém sabia o que ia acontecer. Eu tinha 17 anos, média de idade de todos nós do elenco"

Kristen: "Ninguém sabia o que ia acontecer. Eu tinha 17 anos, média de idade de todos nós do elenco"



travaram uma batalha ferrenha pelo cerrado – uma reserva natural, convenhamos, não comporta exploração mineral. O embate só teria terminado quando, eureka!, descobriu-se que nascentes, rios, cachoeiras e cânions, tinham lá seu valor e poderiam enterrar de vez o passado extrativista.

Vamos, finalmente, para a trilha. A entrada do parque nacional está a 800 metros de São Jorge. Desde 2001, não é preciso contratar um guia, já que os caminhos não apresentam maiores perigos e são sinalizados com setas pintadas em pedras. A primeira perna para conhecer as cachoeiras da Chapada dos Veadeiros leva seis horas e percorre 11 quilômetros (ida e volta). No cardápio, mergulhos no Rio Preto e três saltos que surgem como um prêmio no meio do cerrado. Destaque para a cachoeira da Carioca, com várias cascatas, poços para banho e uma pequena praia de areia branca. Um dos saltos, o Cânion 1, está fechado desde 2012 para dar sossego ao pato-mergulhão, espécie em extinção que costuma dar as caras por lá.

A trilha do dia seguinte vai ao mirante do salto do Rio Preto, também conhecido como salto 120, um imenso e volumoso fio de água do tamanho de um prédio de 40 andares. Outro pouso, este com direito a nadar de bráçada em uma imensa piscina, é na cachoeira do Garimpão, ou salto 80. Curioso é notar durante

o trekking o chão forrado de pequenas lascas de cristais remanescentes dos tempos do garimpo. Nas laterais, já parcialmente escondida pela vegetação do cerrado, uma buraqueira escancara de onde e quanto minério foi retirado. "A gente cavava tão fundo que as veias apagavam por falta de oxigênio", orgulha-se João Carlos de Araújo, ex-garimpeiro, que viria ajudar na demarcação da reserva e hoje trabalha com o turismo em São Jorge.

Aberta em 2013, a terceira trilha, chamada Sete Quedas, é a mais nova atração do parque. Com 23 quilômetros, leva dois dias de caminhada, com pernoite em acampamento. Apesar de plana e com poucas mudanças de altitude, exige preparo físico. O gol é chegar até as tais sete quedas, que não são grandes, mas extremamente cênicas. A caminhada oferece os visuais mais bonitos da chapada, mas em qualquer uma das três trilhas supracitadas as

flores do cerrado coloreem a paisagem. Se estiver com um guia, peça para ele lhe apresentar a calandria, a boca-de-sapo, a bico-de-beija-flor, a pequi e a arnica. Lindas, cada uma destas plantas tem suas propriedades medicinais. E as duas últimas estão presentes na culinária local – prove, por exemplo, o arroz com pequi e o licor de arnica.

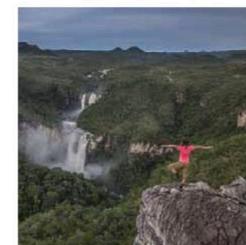
Percorrendo essas três trilhas, o caro leitor terá conhecido tudo de bom com visitação aberta no parque nacional. A Chapada, no entanto, vai muito além dos limites da reserva. Apenas 10% da região conhecida como Chapada dos Veadeiros está dentro da área controlada pelo ICMBio, o antigo Ibama. Sobram, portanto, atrações imperdíveis em propriedades particulares. Se não for mês de julho e não estiver acontecendo o imperdível Encontro de Culturas Tradicionais (quando, por duas semanas, aldeias indígenas, comunidades quilombolas e toda gente do interior da região se reúne em São Jorge), você está autorizado, com dor no coração, a deixar a vila para trás e se mandar para Alto Paraíso, principal cidade da Chapada dos Veadeiros. É a base para conhecer estas atrações do lado de fora do parque, como o Vale da Lua, imensa formação rochosa esculpida por 300 milhões de anos pelo Rio São Miguel, e inúmeras cachoeiras, como a Almácegas I e a Almácegas II.



Kristen: "Ninguém sabia o que ia acontecer. Eu tinha 17 anos, média de idade de todos nós do elenco"

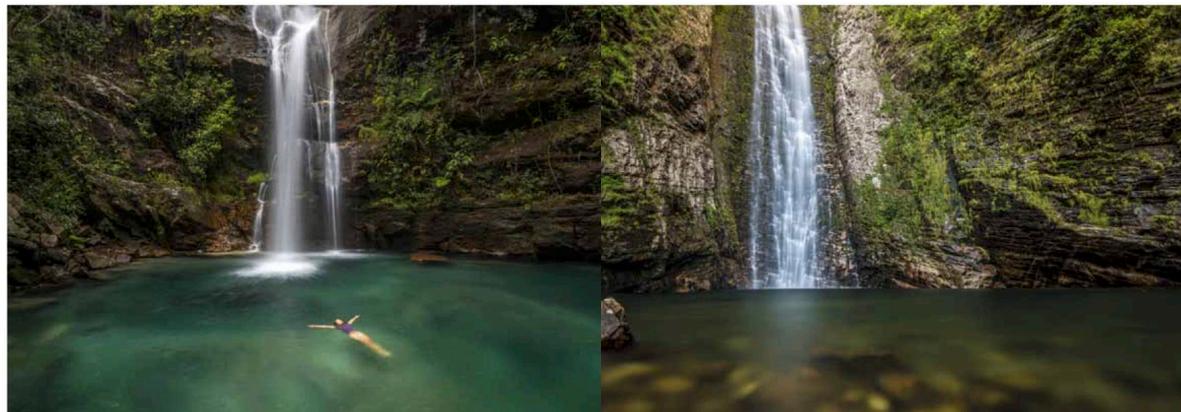


Kristen: "Ninguém sabia o que ia acontecer. Eu tinha 17 anos, média de idade de todos nós do elenco"



A estrada de terra entre São Jorge e Alto Paraíso é uma atração à parte. Seus 35 quilômetros podem ser percorridos em pouco mais de uma hora. De bicicleta, pela ciclovia asfaltada, o percurso leva cerca de três horas. Mas não há motivo para pressa. Duas escadas são importantes nesse momento da viagem. A primeira é diante da paisagem hipnotizante do Jardim da Maytree, um vale dourado ornamentado por flores e caprichosos buritis. Fique ali e tente entender porque há tanta beleza em tanta simplicidade. Quando a fome apertar, siga alguns minutos adiante até o rancho do Waldomiro. Enquanto ele conta causos da região e toca seu berrante, você experimenta a mutula, espécie de feijoado do cerrado, preparada com tutu de feijão branco, carne de sol, linguiça, miúdos de porco e por aí vai. Se não estiver ao volante, é hora de experimentar os licores de arnica, buriti e pequi.

Ao chegar a Alto Paraíso, ainda que levemente embriagado, siga para o discoporto. É ali que os crentes em vida extraterrestre se reúnem para tentar contatos imediatos de terceiro grau. Se nenhum óvni der as caras, fique para o pôr do sol e pense que você está sobre o ponto de maior luminosidade natural do globo





Kristen: "Ninguém sabia o que ia acontecer. Eu tinha 17 anos, média de idade de todos nós do elenco"

Kristen: "Ninguém sabia o que ia acontecer. Eu tinha 17 anos, média de idade de todos nós do elenco"



terrestre quando visto do espaço. Quem teria feito essa propaganda gratuita para a Chapada dos Veadeiros foi a Nasa, a agência espacial norte-americana. Seus satélites teriam detectado um brilho fora do comum ao sobrevoar a região. A culpa seria a gigantesca placa de cristal no subsolo. Por essas e outras, Alto Paraíso virou centro de peregrinação de um bocado de seitas, grupos e religiões. Desde aqueles que preveem o fim do mundo de quando em vez, passando por spas holísticos cheios de marra, até seguidores de Prem Baba, um dos líderes espirituais mais respeitados do mundo. Fato é que mesmo os mais céticos hão de sentir uma energia a mais por aqui.

Não à toa, no último dia 13 de junho, Alto Paraíso lançou um programa de desenvolvimento que visa transformar a cidade em referência mundial no modelo de economia sustentável e inovação. As ações previstas são baseadas nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas (ONU), as chamadas Metas do Milênio. Entre elas, o fim da pobreza e da fome, igualdade de gênero, gestão sustentável de água e saneamento para todos. Enfim, atitudes óbvias, mas que devem ser tomadas antes que, como dizem uns e outros, o mundo realmente acabe.

